

Proposta para um Seminário sobre:

“O Texto de Freud”

CÉLIO GARCIA

“Ao escrever seus textos Freud recorria a vocabulário da língua alemã de todos os dias” me dizia Klaus Horn numa conversa no Institut Sigmund Freud, em Frankfurt. “As palavras quando chegam até Freud, continua Horn, já têm uma história”. De fato, Freud contrariamente a outros autores parece não se valer de esperada, eventual neutralidade das palavras usadas em benefício de cientificidade a ser assegurada às suas descobertas e pesquisas. Principalmente em Ciências Humanas a busca de cientificidade graças a uma linguagem isenta dos inconvenientes da linguagem natural tem sido pretensão cada vez que estas Ciências procuram se aproximar do padrão das chamadas Ciências Naturais. O uso de termos diretamente trazidos do grego e do latim é recurso de que lançam mão estes autores, numa demonstração do que aqui quero assinalar. Para ficarmos com um exemplo tirado do texto de Freud — tenho tido minha atenção voltada para a tradução em língua inglesa da palavra “Anlehnung”, palavra do vocabulário comum alemão que quer dizer apoio, sustentáculo, encosto. Sabemos que a Standard Edition preferiu o termo “Anaclitic” na expressão “escolha objetal de tipo anaclítico”. Esta tradução nos afasta do estilo de Freud, como digo acima, todo ele vasado a partir de termos do alemão de todos os dias. “Anaclítico” é palavra grega com a qual não guardamos nenhuma intimidade, ela é estranha ao nosso universo vocabular. Perdemos

(pois a Edição Standard brasileira seguiu a sugestão da Standard Edition) a oportunidade de lançar mão da palavra “encosto” para transmitir a idéia de Freud quando ele diz: as pulsões sexuais se encostam nas pulsões de conservação na escolha dita “por encosto”.

Sem recorrer a uma terminologia cientificista, neutra, que dissesse de uma maneira unívoca de uma vez por todas o que tinha sido por ele descoberto, Freud teve que dizer e redizer o que já havia dito ao relatar suas hipóteses na abordagem de um novo fenômeno encontrado no seu campo de estudo.

Uma das conseqüências mais interessantes advindas da maneira de escrever em Freud é sem dúvida o fato de que assim fazendo ele era levado a refletir sobre a produção da teoria que ele mesmo produzia. Esta reflexão levou-o a examinar os esquemas legados até ele, seja pela Psicologia, seja por outras disciplinas com as quais teve contato. Esta reflexão nos dá até hoje a oportunidade de trabalharmos a partir de hipóteses elaboradas no interior do pensamento psicanalítico na tarefa que aqui chamaremos “crítica da ideologia”.

Finalmente, podemos assinalar o fato de que Freud não invalida nem corrige o que tinha sido dito anteriormente em suas sucessivas elaborações em áreas limítrofes ou em áreas a serem articuladas no estudo do psiquismo humano. Assim fazendo ele não pretendeu chegar a uma síntese, nem a um texto definitivo que pudesse vir a se constituir em matéria de um manual. Nem um texto-síntese, nem tampouco uma síntese do psiquismo humano, muito menos da natureza humana. Respondendo a Lou Andreas-Salomé disse: “Sinto raramente uma tal necessidade de síntese... o que me interessa é a separação (Scheidung) e a articulação do que de outra forma, permaneceria perdido num caos originário”.

As considerações acima levam-nos à elaboração de uma proposta de seminário voltado para o texto original de Freud. O conhecimento da língua alemã não será considerado pré-requisito para o trabalho que pensamos realizar por ocasião de reuniões a serem programadas. Nossa técnica de trabalho se resume de início no exame de certos parágrafos de textos de Freud; este exame poderá se fazer a partir de uma edição, de preferência a nossa

edição nacional (Edição Standard das obras de Freud publicada pela Imago) lida e meditada ao mesmo tempo que uma outra edição, esta a edição original. A Standard Edition publicada pelo Hogarth Press será certamente de alguma ajuda na elucidação de traduções encontradas na edição brasileira.

(II PARTE)

Até agora (primeira parte do seminário) quase que nos restringimos ao estudo de certos termos e eventual dificuldade em traduzi-los.

Agora vamos caminhar um pouco mais em nossa pesquisa. Vamos nos interessar pelo estilo de Freud. Longe de nós a pretensão de fazer pesquisa literária, mas é que há uma ligação entre a maneira de escrever em Freud e o objeto de suas pesquisas. A tarefa que ora nos propomos fica de muito facilitada quando temos o texto original diante de nós, pois a tradução dificilmente permite reencontrar as ligações entre palavras a partir da proximidade entre elas, aproximações a partir de assonâncias, repetições bem calculadas.

A partir de uma sugestão de François Roustang, vamos admitir três processos:

1. a Sintaxe;
2. a Parataxe e
3. a Diataxe.

Não podemos nos estender aqui sobre estes processos. Vamos somente lembrar:

A Sintaxe é mais conhecida; ela assegura a junção das palavras numa frase, das frases entre si, e assim estabelece um sentido, se possível um único sentido para cada elemento do discurso.

A Parataxe veio a ser objeto de especial atenção por parte de Freud — ela se define pelo lugar ocupado pelas palavras numa frase, ou uma série de frases, independentemente das ligações fornecidas pelas preposições, conjunções e outros recursos exigidos pela Sintaxe.

Sabemos que uma tradução respeita a sintaxe, uma boa tradução conhece a sintaxe da língua original e a sintaxe da língua segunda para a qual foi vertido o texto. Nesta operação onde as leis das Sintaxes são respeitadas, perde-se a Parataxe e seus efeitos.

Mas não ficamos limitados à Parataxe. Freud conheceu o que chamamos Diataxe — ou seja, ordenar separando. Freud corta a ordem da frase com a introdução de um elemento novo e a organiza de uma maneira diferente. A Diataxe tem importância no trabalho de teorização.

Sabemos que Freud era um amante das palavras, reconhecemos em Freud o escritor de talento (ganhador do prêmio Goethe) forjador de termos e de uma língua de formação própria, um “criador de linguagem” (como disse J. Schotte). Além disso, e por isso mesmo, o estilo de Freud permite um processo de manifestação do sentido. Diga-se de passagem que Freud não nos deixou monografias sobre doenças, mas “histórias de doentes” onde ele discorreu sem recorrer a uso de linguagem científica sobre o “destino” de “gente” que ele atendia em seu consultório.

Vamos ler o texto de Freud considerando-o um processo de “mise-à-jour”, onde as idas e vindas são freqüentes; o incerto torna-se um lugar aonde ele volta cada vez que para lá seus passos o levam. (Os tradutores vão direto ao sentido, abreviam este “tâtonnement”, mas o texto de Freud dificilmente se deixa resumir, nos diz François Roustang). Freud ao mesmo tempo que percorria caminhos em sua pesquisa do Aparelho Psíquico, ele se aprofundava nessa ficção que ele mesmo criara, ele se deixava absorver por ela. Os tradutores preferem simplificar relatando outro tipo de experiência com isso afastando-nos do acesso ao problema do Inconsciente. Já na tradução palavra por palavra eles deixam de reconhecer toda problemática levantada por Freud, por exemplo, na “Interpretação dos Sonhos” —.

Vejamos a Standard Edition (Vol. 5, pág. 598) “We have already explored the fiction of a primitive psychical apparatus” (O grifo é meu, assim como nas citações que se sucedem).

A nossa edição brasileira seguiu a tradução de Standard Edition: “Já exploramos a ficção de um primitivo aparelho psíquico” p. 636, vol. V.

Agora a edição francesa (P.U.B., p. 508):

“Nous avons adopté la fiction d'un appareil psychique”

Agora o original:

“Wie hatten uns in die Fiktion eines primitiven psychischen Apparats vertieft”

Vertieft sugere mergulhar, aprofundar-se sem saber onde se vai como em se tratando de um caminho na floresta... Nada disso está nos termos adopté (ver tradução francesa) ou explored (ver Standard Ed.) Tomo este exemplo (já assinalado por François Roustang) pois ele mostra exatamente o que queremos por em relevo: em vez de ficção nós terminamos por adotar uma teoria, em vez de um estilo apropriado para se falar do Inconsciente (O texto de Freud tem muito a ver com o discurso do paciente, lembram Roustang, Schotte, Mannoni e outros que se debruçaram sobre o texto de Freud atentos à escuta que ele mesmo havia promovido como sendo indispensável para que se faça perceptível o discurso do Inconsciente), terminamos por adotar um método de estudo (“dirigido” para candidatos em formação), em vez da surpresa experimentada por Freud e seus pacientes diante de um “Einfall” (a distinguir de associação de idéias) terminamos por adotar uma técnica.

Uma “verdadeira leitura” de Freud nos faz percorrer outros caminhos, descaminhos talvez. Uma outra leitura assegura cientificidade, é bem verdade, à obra de Freud, cria condições para o exercício de uma especialidade, mas deixa de nos introduzir a um “reconhecimento de base” frente ao Inconsciente, sem o qual nossos conhecimentos, mesmo os mais especializados, não são senão logro.